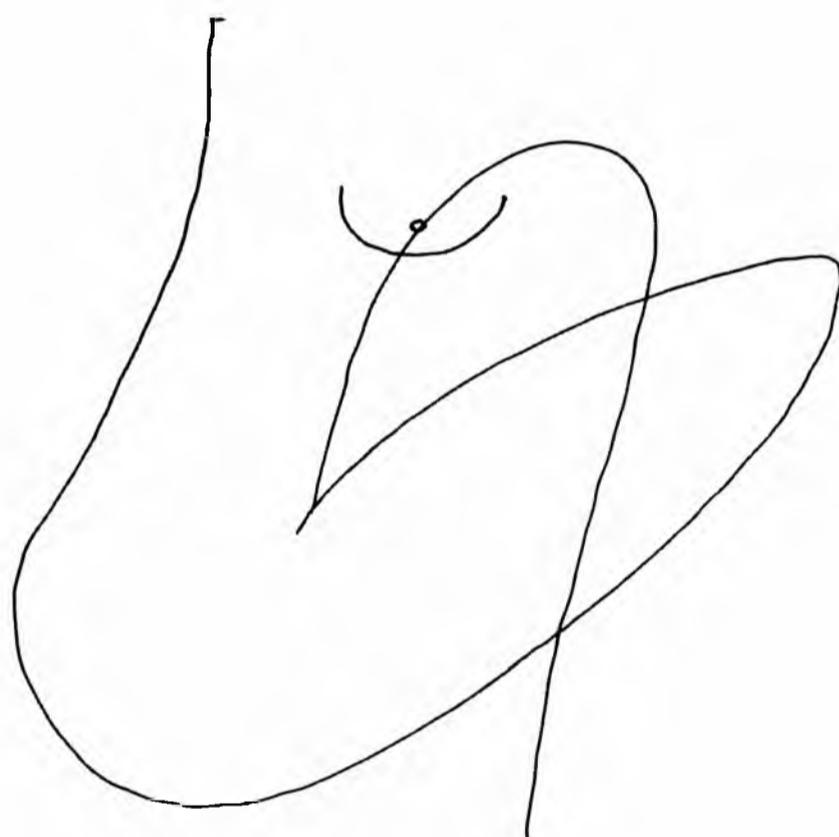


EVOCACÃO DE UM SANOVICZ,
ABRAHÃO

Júlio Roberto Katinsky

258

pós-



less is more
d'après Mies atuhm 93

Agora que nos deixou, sugere-se uma visão retrospectiva de sua presença na Escola, de 1954, ano no qual entrou como aluno, a 1999, ano em que encerrou sua carreira de professor. Mas desde aquele distante ano, algumas características suas nunca se alteraram: em primeiro lugar, o firme compromisso com a ordenação plástica do espaço, aprendido com os mestres Nóbrega e Gruber, na Escola de Arte do Museu de Arte Moderna, sob a égide de Livio Abramo.

Em segundo lugar, sua adesão àquelas posturas solidárias com a população brasileira, aprendidas em sua casa, em Santos, mas também com o professor de hebraico (que diga-se de passagem, era um empedernido ateu, o sr. Kucsinski) e a humanista Elisa Kaufmann Abramovicz, da Casa do Povo, e os novos companheiros de jornada, entre os quais sobressaía mestre Artigas.

Como desenhista, penso que Abrahão nunca se afastou, dentro da arte contemporânea, de uma postura didática e humanística, na medida em que respeitava em suas figuras uma analogia com a realidade cotidiana, em sua proposição didática de um despertar permanente, picassiano, de exaltação criativa, nosso traço comum como humanidade.

Pois seus desenhos são sempre referidos à figura feminina, mas não a essas figuras de celulóide que aparecem nas fotografias coloridas das revistas atuais. Não é isso que o atrai, mas quase um esforço caligráfico, ideográfico da figura feminina como origem da vida.

Como arquiteto, penso que foi o mais próximo discípulo de Artigas, na medida mesmo em que suas obras nunca dominam ou se impõem ao usuário, mas, ao contrário, deixam-se dominar como uso e significado aos que deles se servem.

E essa característica, obrigatoriamente, conduziria-no à sua atuação como professor, que ele exerceu até o último dia de sua vida.

Nós somos memória quando menos percebemos: há uma parte de nosso comportamento que pode ser expresso em palavras. Mas há uma parte que se exprime por imitação, em gestos ou atitudes ou atos de difícil verbalização. É que eles foram adquiridos no cotidiano, no efêmero, mas que pela repetição parecem provir da mais profunda singularidade de nosso ser.

Mas também essa visão parece ser pura ilusão: nós somos, quando exercemos nossa mais livre vontade, pouco mais do que um elo entre os que nos precederam e aqueles que nos sucederão.

Assim se justifica a minha afirmação que Abrahão foi o mais próximo discípulo de Artigas: tal como o mestre necessita discípulos, estes não são títeres nas intenções dos mestres, mas tão ativos quanto o mestre ao elaborar sua contribuição. Ou, em outras palavras, o mestre necessita e caminha para os discípulos, como estes procuram, afanosamente, seus mestres. Assim se justifica a expressão para certos homens: são o sal da terra.

Estou convencido de que a contribuição criadora de Abrahão se incorporará por seus discípulos, modestamente, a esta cultura e a este povo de hoje para o futuro.



